

da taxa de cicatrização. Devido às alterações da reparação tecidual e das funções imunológicas e vasculares, o sucesso da terapia endodôntica em pacientes com DM pode estar comprometido. O presente estudo tem como objetivo investigar se a presença de DM tipo 2 influencia os resultados do tratamento endodôntico. **Materiais e métodos:** Para este estudo retrospectivo, foram selecionados todos os tratamentos endodônticos realizados no Instituto de Endodontia, Faculdade de Medicina, entre 2015 e 2019. Após a aplicação dos critérios de inclusão (diabetes tipo 2 relatado na história clínica; ausência de outra doença sistêmica; sem limite de idade e sem restrição do estado de saúde oral do paciente), todos os pacientes que respeitavam esses critérios foram incluídos no grupo diabético (GD). Para o grupo controlo (GC), foi selecionado aleatoriamente um número semelhante de pacientes sem nenhuma doença sistêmica e que necessitaram de tratamento endodôntico na mesma instituição e no mesmo intervalo de tempo. No GC houve em consideração a variação de idade e sexo do GD para homogeneizar os grupos durante a randomização. Entre seis e quarenta meses após o tratamento endodôntico, uma consulta de controlo foi agendada para avaliar os parâmetros clínicos e radiográficos. O sucesso do tratamento endodôntico foi definido pela ausência de sinais clínicos e radiográficos na consulta de controlo, independentemente da presença ou ausência de lesão apical na radiografia pré-operatória. Os resultados foram avaliados pelo Modelo de Regressão de Cox e pelo Modelo de Kaplan-Meier. **Resultados:** Os resultados revelaram uma menor taxa de sucesso da terapia endodôntica em pacientes diabéticos tipo 2 com diferenças estatisticamente significativas entre os grupos (OR: 2.482; IC 95%: 1.168-5.272; $p = 0.018$). Através do Modelo de Kaplan-Meier, observou-se que o GD necessitou de 30.35 ± 2.78 meses para atingir o sucesso endodôntico, enquanto o GC necessitou de 14.75 ± 0.58 meses ($p < 0.01$). **Conclusões:** A presença de DM poderá diminuir a capacidade de reparação dos tecidos periapicais. De acordo com os resultados obtidos, e não relacionados à qualidade dos tratamentos realizados, é possível concluir que pacientes com DM tipo 2 podem ter menor taxa de sucesso no tratamento endodôntico do que indivíduos saudáveis.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2020.12.795>

#073 A hipossialia em pacientes polimedicados

João Gato Marques*, Cecília Rozan, André Peixoto, Luís Proença, Ana Cristina Manso

Instituto Universitário Egas Moniz; CiiEM – Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz

Objetivos: Descrever a prevalência de hipossialia nos pacientes polimedicados, relacionando-a com variáveis sociodemográficas e dados clínicos da polimedicação. **Materiais e métodos:** Estudo transversal realizado numa amostra aleatória constituída por 40 indivíduos, de ambos os sexos e com idades entre 23 e 84 anos, que compareceram nas consultas de Medicina Dentária Preventiva e Comunitária entre fevereiro e março de 2020, na Clínica Dentária Egas Moniz. A recolha de dados foi feita através da aplicação de um questionário sobre variáveis sociodemográficas e questões de dados clínicos no âmbito

da administração regular de, pelo menos, dois dos seguintes medicamentos: anticonvulsivantes, antidepressivos, anti-diabéticos orais, anti-hipertensores e anti-histamínicos H1. Seguidamente efetuou-se a sialometria, para obtenção das taxas de fluxo salivar não estimulado e estimulado, considerando hipossialia quando a taxa de fluxo salivar não estimulado $< 0,1$ mL/min e/ou taxa de fluxo salivar estimulado $< 0,7$ mL/min. Os participantes assinaram o consentimento informado, garantindo-se a total confidencialidade dos dados. Os dados recolhidos neste estudo foram submetidos a uma análise estatística, pelos valores de prevalência, através do software IBM SPSS Statistics® v.24. **Resultados:** A prevalência da hipossialia da amostra foi 50%, sendo mais prevalente no grupo ≥ 65 anos (27,5%), sexo feminino (27,5%), caucasiana (45%), escolaridade até ao 1.º Ciclo (20%), rendimento familiar mensal entre 1 e 2 salários mínimos nacionais (20%), reformados(as) (32,5%), casados(as)/união de facto (32,5%) e não fumadores (45%). Verificou-se a prevalência de hipossialia no grupo com administração concomitante de anti-diabéticos orais e anti-hipertensores (20%), com combinação de 2 medicamentos (32,5%) e com um tempo de toma dos medicamentos > 10 anos (20%). Não foi encontrada associação da prevalência de hipossialia com variáveis sociodemográficas ($p > 0,05$), nem com os dados clínicos da polimedicação ($p > 0,05$). **Conclusões:** Com este estudo foi possível observar que metade da amostra padece de hipossialia mas desconhece a sua repercussão na cavidade oral. Os resultados obtidos realçam a necessidade de se reforçar o diagnóstico precoce da hipossialia associada à polimedicação como um meio de promoção e prevenção de doenças orais futuras.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2020.12.796>

#074 A Hipossialia em pacientes hipertensos

Patrícia Martins*, Cecília Rozan, Luís Proença, Cristina Manso

Instituto Universitário Egas Moniz; CiiEM – Centro de investigação interdisciplinar Egas Moniz

Objetivos: A Hipertensão Arterial é uma patologia sistémica prevalente em Portugal. Este estudo pretende descrever a prevalência de hipossialia na população que administra anti-hipertensores, relacionando-a com as variáveis sociodemográficas e com os dados clínicos da Hipertensão Arterial. **Materiais e métodos:** Estudo transversal com uma amostra aleatória constituída por 40 indivíduos, de ambos os sexos, de idade 41 a 90 anos que compareceram nas consultas de Medicina Dentária Preventiva e Comunitária entre fevereiro e março de 2020, na Clínica Universitária Egas Moniz. A recolha de dados foi feita através de um inquérito realizado por escrito com questões no âmbito dos dados clínicos da Hipertensão Arterial e das variáveis sociodemográficas. Seguidamente, mediu-se a tensão arterial e efetuou-se a sialometria, para obtenção das taxas de fluxo salivar não estimulado e estimulado. Esteve presente o consentimento informado e garantiu-se a total confidencialidade dos dados. Os dados recolhidos neste estudo foram submetidos a uma análise estatística descritiva pelos valores de prevalência através do software IBM SPSS Statistics® v.24. **Resultados:** A prevalência

da hipossialia da amostra foi 60%, sendo mais prevalente nos grupos de 51-60 anos (17,5%) e 61-70 anos (17,5%). A amostra é composta por 55% do sexo masculino e 45 % do sexo feminino, sendo a hipossialia mais prevalente no sexo masculino (35%), na raça caucasiana (55%), que frequentou até o 1.º ciclo de escolaridade (20%), que afere entre 1-2 salários mínimos nacionais (42,5%), reformados (as) (40%) e casados (as) / união de facto (47,5%). Verificou-se a prevalência de hipossialia no grupo dos hipertensos > 10 anos (37,5%), que administram anti-hipertensores > 10 anos (37,5%), administram um único anti-hipertensor (52,5%) e na administração dos Bloqueadores dos Canais de Cálcio (22,5%). Não foi encontrada correlação entre prevalência de hipossialia e variáveis sociodemográficas ($p > 0,05$), nem com os dados clínicos da Hipertensão ($p > 0,05$). **Conclusões:** Com este estudo foi possível observar que mais que metade da nossa amostra padece de hipossialia, mas desconhece a sua repercussão na cavidade oral. Os resultados obtidos realçam a necessidade de se reforçar o diagnóstico precoce da hipossialia associada a administração de anti-hipertensores como um meio de promoção e prevenção de doenças orais futuras.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2020.12.797>

#075 Caracterização da Escovagem dos Dentes na População Pré-Escolar



Diana Ferreira*, Mário Bernardo, Sónia Mendes

Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa

Objetivos: O objetivo deste estudo foi caracterizar a escovagem dos dentes da população em idade pré-escolar, residente em Portugal. **Materiais e métodos:** A população-alvo foi constituída por encarregados de educação de crianças em idade pré-escolar, que frequentavam jardins de infância portugueses. A recolha de dados foi realizada através de um questionário online. O questionário, construído para o efeito com base na revisão da literatura, permitiu a obtenção de informação sociodemográfica, da escovagem em ambiente familiar e da escovagem em ambiente escolar. Foi realizada a análise descritiva dos dados e utilizados os testes do Qui-quadrado, Exato de Fisher, Mann-Whitney e Kruskal-Wallis $\alpha=0,05$. **Resultados:** A amostra foi constituída por 711 participantes. A maioria das crianças realizava a escovagem dos dentes em casa (99,4%), duas ou mais vezes por dia (65,3%) ou com ajuda de um adulto (62,9%). Grande parte das crianças não realizava escovagem dos dentes no jardim de infância (71,2%). As principais barreiras identificadas relativamente à autorização da escovagem no jardim de infância foram a falta de higiene e segurança (32,6%) e a possibilidade de partilha de escovas (42,9%). Considerando a escovagem dos dentes nos dois contextos, familiar e escolar, a percentagem de escovagem bidirária foi referida em três quartos das crianças. No entanto, apenas 7,8% realizavam corretamente todos os procedimentos associados à escovagem. A escovagem dos dentes em ambiente escolar foi referida como sendo mais frequente nos jardins de infância privados ($p < 0,001$) e na região Autónoma dos Açores ($p < 0,001$). Um maior nível de instrução do encarregado de educação contribuiu significativamente para a não autoriza-

ção da escovagem no jardim de infância ($p=0,019$) e para a realização dos procedimentos corretos de escovagem ($p=0,007$). Também a visita ao profissional de saúde oral se verificou associada à realização dos procedimentos corretos de escovagem dos dentes ($p=0,005$). **Conclusões:** A escovagem bidirária dos dentes revelou-se bastante frequente na população estudada, no entanto a frequência de crianças que realiza todos os procedimentos corretos de escovagem dos dentes verificou-se baixa, bem como a frequência de escovagem dos dentes em ambiente escolar.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2020.12.798>

#076 Avaliação da Utilização da Fotografia em Medicina Dentária Durante a Pandemia da Covid-19



Bruno Seabra*, Teresa Albuquerque, Henrique Luís, Jaime Portugal

Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa

Objetivos: Analisar a adaptação e mudança de comportamentos na utilização da fotografia em Medicina Dentária na atual situação pandémica de COVID-19. **Materiais e métodos:** Foi criado um inquérito no Google forms e que foi partilhado para médicos dentistas por mensagem ou por e-mail, entre os dias 13-08-2020 e 15-09-2020. Foi usada uma técnica de amostragem não-probabilística. Responderam ao inquérito 235 médicos dentistas que realizam a sua prática clínica em Portugal. Foram analisadas variáveis demográficas e comportamentais. Os dados foram recolhidos e exportados para análise no programa SPSS – Statistical Package for Social Sciences (versão 27.0). **Resultados:** Os resultados mostram que entre os 235 médicos dentistas que preencheram o inquérito, 80,4% já usavam a fotografia na sua prática clínica antes da pandemia e apenas 19,6% responderam que não utilizavam. Até dia 15 de Setembro, dos que costumam fotografar, cerca 98,9% já tinha reiniciado o seu trabalho clínico. No entanto, cerca de 15% não se encontrava ainda a trabalhar no seu horário normal. Cerca de 40% referiram que a prática clínica teria sido afetada pela diminuição do número de horas de consultas e correspondentemente pelo número de pacientes por dia. Apenas 21% consideraram que teria havido uma diminuição acentuada no número de pacientes a procurar consulta. Apenas 19% dos médicos dentistas que fotografam os seus casos por rotina, consideraram que a COVID-19 tivesse afetado de forma importante a fotografia no seu dia a dia. Notou-se uma diminuição no número de casos fotografados, principalmente para quem fotografa menor número de casos. Apenas 8,6% referem ter deixado de fotografar os seus casos. Diferentes causas foram apontadas mas a mais importante para 46% foi a tentativa em diminuir risco de infeção cruzada. Para evitar contaminação, 53% referem que a medida mais importante que realizam é a desinfeção da câmara após sua utilização. Apenas 12% assumem ter tomado como medida face ao COVID-19, isolar a câmara sempre que a utilizam ou ter sempre uma pessoa responsável para fotografar os casos. **Conclusões:** A pandemia da COVID-19 trouxe algumas alterações ao tempo de consulta e disponibilidade de agenda para atender